

Travessia para Guiana é livre de fiscalização

José Alberto Gonçalves
de Lethem, Guiana

Lethem, primeira cidade da Guiana inglesa, após a travessia do rio Tacutu, que marca a fronteira com Bonfim, no Brasil, é ponto de parada obrigatória para os brasileiros que se aventuram clandestinamente nos garimpos de ouro do Suriname e da Guiana Francesa, como Pedro Silva (nome fictício). Pela fronteira, o contrabando e o tráfico de drogas podem correr livremente, pois inexistente fiscalização da travessia por autoridades federais.

Piauiense de 38 anos, semi-analfabeto, Silva há dois anos faz uma arriscada rota em busca de sua sobrevivência, com passaportes comprados no mercado paralelo.

Já catou o minério precioso no Pará, em Mato Grosso e Roraima, seu último suspiro dourado, até que as pistas de pouso na área dos Ianomâmi foram destruídas no início dos anos 90 e expulsos os garimpeiros.

Vindo de Boa Vista, o piauiense chegou quarta-feira, 11 de outubro, a Lethem para tomar o avião regular que segue para Georgetown, capital da Guiana. Só conseguiu lugar no avião no voo de segunda-feira, 16 de outubro, pois os anteriores estavam lotados.

De lá, ele gasta 12 horas de ônibus para alcançar Paramaribo, capital do Suriname (ex-Guiana holandesa). Com R\$ 150 Silva toma um avião bimotor que adentra clandestinamente em território da Guiana Francesa, um departamento da França. Garimpa por 6 a 8 meses no território francês. Após descolar R\$ 5.000 a R\$ 15.000, Silva volta para o Pauí, onde fica algumas semanas com a família e visitando amigos.

"Mais um ano e eu paro de ir à Guiana", disse Silva em frente ao hotel de Lethem onde se hospedará por cinco dias. "A vida no garimpo é dura. Os garimpeiros guianos acham que a gente concorre com eles."

A Guiana sonha em ser muito mais que rota de garimpeiros brasileiros. A ligação rodoviária entre Boa Vista e Georgetown, capital da Guiana inglesa, num total aproximado de 550 quilômetros, pouco mais que o percurso entre Rio e São Paulo, poderá abrir um mercado de mais de 8 milhões de consumidores da região do Caribe e diminuir bem a distância para o escoamento de produtos brasileiros destinados ao mercado europeu, como a soja.

Para a Guiana, a ligação significaria desenvolvimento econômico gerado pelo trânsito rodoviário oriundo do Brasil. "Podemos vender

arroz, açúcar e rum para o Brasil", afirma Mohamed Khan, guiano de origem indiana que preside a Câmara de Comércio de Rupununi, região onde se situa Lethem. Khan, que estranhamente chega a seu hotel de revólver no bolso, aponta boas oportunidades de turismo na Guiana, como uma das cachoeiras com mais elevada queda d'água no mundo.

Encontra-se pavimentado um trecho de pouco mais de 100 quilômetros a partir capital guiana. Segundo o secretário de Planejamento de Roraima, Sérgio Guerra, a pavimentação da ligação com Georgetown seria feita por meio de parceria entre o governo federal brasileiro, o governo de Roraima e o da Guiana.

O porto de Georgetown seria utilizado para escoar mercadorias brasileiras sem o pagamento de royalties ao governo guiano por um período de pelo menos 50 anos.

No lado brasileiro, faltam pouco mais de 30 quilômetros da BR-401 (Boa Vista-Bonfim) para serem asfaltados. Até dezembro, as obras devem estar concluídas. O governo estadual gastou R\$ 7,2 milhões na estrada este ano, diz o secretário. Para 2001, mais R\$ 15 milhões devem ser empregados na ligação com a Guiana.



A sinalização é bastante deficiente na BR-401, o que se nota, por exemplo, quando perto do km 100, sentido Bonfim, inexistente placa indicando desvio em função de ponte danificada sobre um igarapé. No sentido

inverso, o motorista conta com a informação do desvio. Vários trechos da estrada também apresentam problemas de conservação.

O trecho dos 200 ou 300 metros que antecedem a travessia do rio Tacutu, que divide os dois países, não é exatamente um cartão de visitas do Brasil. Sobra mato e falta sinalização. Enfim, a região fronteira encontra-se praticamente abandonada pelas autoridades brasileiras.

Todo o alvoroço criado em torno das pistas de pouso clandestinas da Amazônia perde explicação na livre travessia do rio. No lado brasileiro, dois garotos comandam a balsa que transporta veículos entre Bonfim e Lethem, no lado guiano, oficialmente até as 5 da tarde. Há um posto da Polícia Federal, mas tanto na ida à Guiana, como na volta ao Brasil, não se vê nenhum agente ao menos. Aportando em Lethem, um funcionário público de traços indianos (os de origem na Índia formam com os negros e índios a maior parte da população) dedetiza os pneus do carro para evitar entrada de doenças. ■

INSTITUTO

Documentação

SOCIOAMBIENTAL

Fonte: *GM*

Data: 8/11/2000 Pg. B 16

Class.: 231